

# O DIÁRIO ÍNTIMO DE LIMA BARRETO: IMAGENS E DESLOCAMENTOS<sup>1</sup>

## THE INTIMATE DIARY OF LIMA BARRETO: IMAGES AND DISPLACEMENTS

---

Maria do Socorro Barbosa de Miranda<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos o *Diário íntimo*, de Lima Barreto, tomando-o como uma escrita híbrida, a partir da qual percebemos um olhar agudo e sempre em movimento. O escritor se insere num campo de lutas e tensões e o discurso que emite por meio de sua obra cria embates com o pensamento social estabelecido ao mesmo tempo em que rasura estereótipos construídos e sedimentados na narrativa literária oficial. Nesse sentido, pretendemos observar como o eu enunciator, a partir do seu lugar social e subjetivo, constrói imagens de si e opera deslocamentos nos discursos hegemônicos de poder. Tomamos como base para as reflexões desenvolvidas os estudos de Luiz Silva Cuti, Philippe Lejeune, Edward Said, Frantz Fanon, Michel Foucault, dentre outros.

**Palavras-chave:** *Diário íntimo*. Autobiografia. Imagens. Discurso. Deslocamentos. Lima Barreto.

**ABSTRACT:** In this article, we analyze Lima Barreto's *Intimate diary*, considering it a hybrid work in which we perceive a keen, always mobile glance. The writer is situated in a place of struggles and tensions and the discourse which he publishes through his work enters into conflict with established social thought, at the same time in which he demolishes stereotypes built and settled on the official literary narrative. In this regard, we intend to observe how the first-person narrator, from his social and subjective position, constructs self-images and creates displacements in the hegemonic discourses on power. The basis for these reflections are the studies of Luiz Silva Cuti, Philippe Lejeune, Edward Said, Frantz Fanon, and Michel Foucault, among others.

**Keywords:** *Intimate diary*. Autobiography. Images. Speech. Displacements. Lima Barreto.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 12 de setembro de 2016 e aceito em 10 de novembro de 2016. Texto orientado pela Profa. Dra. Evelina de Carvalho Sá Hoisel (UFBA).

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Literatura e Cultura da UFBA.  
E-mail: socorromiranda@gmail.com



## INTRODUÇÃO

Cuti (2011), num texto bastante lúcido que escreveu sobre Lima Barreto, retoma a controvérsia dos gêneros literários, afirmando que o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* problematizou a questão e assumiu uma postura muito consciente em relação às opções estéticas que fez ao produzir sua obra. Os estudos do crítico desconstruem algumas imagens historicamente agenciadas sobre Barreto, as quais levaram vários estudiosos a passarem ao largo de debates fundamentais travados pelo romancista, imprescindíveis, inclusive, para perceber a atualidade de sua obra, assim como as conexões que ela apresenta entre a época em que o escritor viveu e a contemporaneidade.

Ao empreendermos uma análise da obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, não deixa de vir à tona, pois, essa problemática dos gêneros literários, bem como a tomada de posição do escritor no que tange aos conservadorismos vigentes no Brasil, que não deixavam de se espriar também pelo campo das Letras. Se é verdade que cada época institui modelos a serem seguidos pelos escritores na produção de suas obras, de cuja observância depende a avaliação favorável dos textos e a entrada deles para o cânone, também é certo que nessa avaliação entram em cena jogos de interesses e relações de força, sempre voltados para a defesa de determinadas posições e privilégios. Corroborando esse pensamento, Regina Dalcastagnè atesta:

A literatura é um artefato humano e, como todos os outros, participa de jogos de força dentro da sociedade. Essa invisibilização e esse silenciamento são politicamente relevantes, além de serem uma indicação do caráter excludente de nossa sociedade (e, dentro dela, de nosso campo literário). (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 21-22)

É precisamente nesse campo de tensões e de lutas pela conservação e manutenção do poder que se insere o escritor Lima Barreto e sua obra. Por meio desta, percebemos os jogos discursivos existentes no âmbito da sociedade, que atuam sutilmente, disseminando preconceitos, silenciando vozes e invisibilizando grupos sociais marginalizados. Nesse sentido é que verificamos, na esteira de Dalcastagnè, que problemas como o racismo se manifestam também no campo da literatura, como opressão simbólica, ao se eleger, por exemplo, quais grupos são autorizados a praticar a literatura e quais são dignos de serem representados por ela. Consciente, por um lado, das dificuldades que se impunham ao intelectual negro, no contexto de um Brasil recém-saído do sistema escravocrata e em que vigoravam o preconceito e as relações de favor, e, por outro lado, com



uma ampla formação que se enraizava em leituras as mais diversas e com um olhar sempre agudo e perspicaz sobre a realidade, o escritor faz a opção por não renunciar aos seus ideais e ao seu projeto de literatura, escolha que lhe valeu muitos dissabores e mesmo o silenciamento dos órgãos oficiais da imprensa em torno de sua obra.

Lima Barreto traz uma nova contribuição para a cena literária brasileira, não só no que se refere às temáticas abordadas, mas, sobretudo, no tocante ao modo como trata os temas e problemas, algo que confere à sua escrita uma dicção própria e um estilo capaz de fazer vir à tona aquilo que o ornamento ofuscava. Acreditamos que uma das razões pelas quais se mantém vivo, na atualidade, o interesse pelo estudo da obra do romancista está no seu potencial de **remexer** as diferentes camadas da história, numa espécie de vocação arqueológica que subverte os discursos de poder e abala um saber historicamente construído com base em preceitos de exclusão social.

O **lugar comum** da crítica literária, com relação à obra do escritor, quase sempre tem sido o de realçar as dores e os percalços da vida do romancista. O que está por trás dessa postura não é tanto a denúncia das violências praticadas contra o negro e as classes subalternas, ao longo do processo histórico, mas a tentativa de associar o tom crítico e **áspero** utilizado algumas vezes por ele a um desabafo de mágoas, a um ressentimento pela marginalização e exclusão social que sofreu. Essa perspectiva crítica busca desqualificar a obra do romancista, mas acaba por evidenciar intenções subjacentes que revelam uma **vontade de poder**, para usar uma expressão nietzschiana, assim como os pressupostos teóricos que a embasam.

Diante disso, constatamos o quanto foram e continuam sendo tendenciosas as análises feitas por uma parte da crítica literária brasileira, que comumente atribui a Lima Barreto a condição de escritor descuidado, ressentido, incapaz de reagir às forças poderosas das circunstâncias e cuja obra não passa de um espaço de desabafo contra as injustiças das quais foi vítima. Aqui, vale lembrar as palavras de Antoine Compagnon, segundo o qual “todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão” (COMPAGNON, 1999, p. 33-34). Com efeito, a **aura de negativismos** que envolveu a figura de Lima Barreto não está dissociada de uma pretensão hegemônica que busca interferir numa atividade intelectual que não se sujeita aos poderes, senão que opta por aquela atitude amadora, apontada por Edward Said (2005) como o melhor caminho para alcançar certa liberdade no âmbito de sua atuação e que permite ao intelectual **falar a verdade ao poder**. Entendemos que esse gesto de **falar a verdade** está muito mais associado a uma postura de questionamento e de subversão da ordem estabelecida do que a um empenho na construção e defesa de uma verdade única.

Nessa perspectiva, podemos ver na obra de Lima Barreto muito mais do que apenas revolta e ódio contra as elites dominantes. Nela observamos,



sobretudo, um espírito de análise e de contestação que subverte o poder da autoridade e que é, em suma, a principal contribuição do intelectual, conforme argumenta Said. Se é certo que as barreiras impostas a essa avaliação crítica do estado de coisas dominantes na sociedade resultam num violento processo de exclusão e de **fechamento de portas**, há, por outro lado, a gratificante liberdade de quem, tendo feito as suas próprias escolhas, pode falar a verdade ao poder e manter a coerência ao conjunto de valores nos quais acredita.

E hoje é para mim motivo de alegria poder eu dizer tal coisa, poder tratar tão solenes instituições com semelhante desembaraço que não é fingido.

É satisfação para minh'alma poder oferecer contestação, atirar sarcasmos à soberbia de tais sentenças (...). (BARRETO, 1956, p. 111-112)

Contemporaneamente, os estudos desenvolvidos por Cuti nos dão pistas importantes, sobretudo porque desconstroem um viés de interpretação da obra de Lima Barreto, que difunde em larga escala a imagem de um escritor derrotado e presa fácil das circunstâncias, como se ele não soubesse exatamente para onde o levariam os seus posicionamentos. Não há dúvida, porém, de que o romancista assumiu um projeto estético sabendo que tomava um rumo contrário a certas normas que regiam a produção da obra literária, como forma de manter uma coerência em relação às suas crenças e seus projetos. Nesse sentido, as reflexões de Cuti nos auxiliam a considerar que a recorrente questão autobiográfica que atravessa a obra de Lima Barreto não está associada meramente a um desabafo de mágoas nem, tampouco, às revoltas de um escritor ressentido, cuja obra teria no personalismo o seu defeito mais grave, nos termos do renomado crítico da Primeira República, José Veríssimo (cf. BARBOSA, 2003, p. 199).

É importante interpretarmos a obra de Lima Barreto, considerando as diferenças nas quais ela se inscreve, de maneira que possam emergir outras imagens, soterradas e recalçadas pela crítica literária tradicional.

Buscamos empreender esse movimento interpretativo nas reflexões que seguem, propondo uma análise do *Diário Íntimo* a partir de um recorte de leitura das notas situadas entre os anos de 1900 e 1905. Com isso, esperamos contribuir para a emergência de novos significados sobre Lima Barreto e sua obra.



## UMA NOTA SOBRE O *DIÁRIO*

O *Diário Íntimo* é uma publicação póstuma de Lima Barreto. O livro é constituído por várias anotações, realizadas pelo escritor, bastante diversas entre si, as quais abrangem uma escala temporal que vai dos anos de 1900 a 1921. Após trinta e um anos da morte do autor, o biógrafo Francisco de Assis Barbosa tomou para si a tarefa de organizar a obra do romancista, momento em que foram reunidas e publicadas as notas. Mesmo que neste artigo não nos proponhamos a refletir sobre o trabalho do biógrafo, cabe salientar ligeiramente que o modo como as notas estão organizadas aponta para uma concepção linear de história, algo que se pode verificar, por exemplo, na sequência temporal dos registos. Os procedimentos do organizador também nos apontam para a intenção de dar ao conjunto das notas um carácter autobiográfico, o que se expressa mais nitidamente no próprio título atribuído à obra póstuma.

O *Diário Íntimo* é um texto híbrido, em que, misturados às confissões e fatos particulares que cercam a vida do escritor, estão citações, recortes de jornal, projetos de romances e de cursos que planejava realizar no futuro, observações sobre assuntos e acontecimentos de cunho mais geral, crítica literária, dentre outros tantos, que nos põem em contato, já de início, com a ampla formação do escritor e com a agudeza de um olhar sempre em deslocamento.

O nosso esforço de análise do texto de Lima Barreto não se confunde com a busca de uma identidade do autor, até mesmo porque, conforme atestam as análises de Marcello Duarte Mathias (1997), é impossível descobrir por trás do percurso narrado pelo autobiógrafo uma verdade profunda ou a inteireza de uma personalidade. Ainda que o exercício autobiográfico pressuponha um desejo de descoberta da identidade e que o texto diarístico firme um pacto de leitura com o leitor, por meio do qual é criada uma ilusão de verdade para os fatos narrados, não é possível, porém, a reconstituição da vida narrada, uma vez que a natureza da realidade que se deseja apreender tem como traços marcantes o lacunar e o descontínuo.

Nessa perspectiva, narrar a experiência vivida não se dá senão com o sacrifício do sentido, com o uso do elemento da interpretação. Reconstituir o tempo passado e a história de uma vida não é um exercício livre de ambiguidades e de interferências subjetivas, senão que se trata de uma atividade em que se misturam e entrecruzam visões de mundo, lembranças, imaginação, percepções e impressões do sujeito que narra.

Nas anotações datadas de 3 de janeiro de 1905, o autor do *Diário Íntimo* se refere aos registos, nos seguintes termos:



Hoje, pois, como não houvesse assunto, resolvi fazer dessa nota uma página íntima, tanto mais íntima que é de mim para mim, do Afonso de vinte e três anos para o Afonso de trinta, de quarenta, de cinquenta anos. Guardando-as, eu poderei fazer delas como pontos determinantes da trajetória da minha vida e do meu espírito, e outro não é o meu fito. (BARRETO, 1956, p. 77)

O motivo que leva o narrador à decisão de inserir, entre as notas, uma “página íntima” é aparentemente banal e deixa uma impressão de que em falta de algo relevante para contar resta apenas o registro do cotidiano duvidoso e incerto ao redor do qual gira a vida do narrado. A **falta de assunto** para os registros do dia sugere uma realidade de estagnação, em que se mantém inalterado o contexto de exclusão. O ciclo permanente de opressão, em torno do qual gira a vida do narrador, resulta numa situação de tédio a qual se associa não ao ócio burguês, mas ao estado de abatimento moral e social em que se encontram os excluídos do mundo moderno, os quais não veem mudanças significativas no âmbito da sociedade brasileira do princípio do século XX, não obstante a intensa propaganda republicana.

No excerto que acabamos de citar, observamos o desejo de autoconhecimento, uma vez que o narrador afirma a sua intenção de fazer das notas como que **pontos determinantes de sua trajetória**. O ato da escrita pode ser encarado, então, como possibilidade de ordenar e de dar sentido à própria existência, como forma de resistência ao caos social instalado, em torno do qual gira a vida do narrador. Nesse sentido, Philippe Lejeune (2008) nos ensina que outra não seria a função do texto diarístico que atender a uma necessidade do indivíduo de conservação e construção da memória, fixação do tempo passado (como estratégia de sobrevivência aos próprios efeitos do tempo), desabafo, autoconhecimento, deliberação, resistência às intempéries da vida, reflexão e escrita. Tais funções podem ser observadas no *Diário Íntimo* e nos ajudam a entender a narrativa de Lima Barreto como um modo peculiar de resistir ao silenciamento e a considerar o potencial de deslocamento dos registros.

## IMAGENS E DESLOCAMENTOS NO *DIÁRIO ÍNTIMO*

Uma parte considerável dos estudos críticos sobre a obra de Lima Barreto nos coloca diante de uma gama variada de discursos, os quais engendram e põem em movimento uma série de imagens negativas em torno da figura do romancista. Nesse processo, está implicado um jogo de forças e



intencionalidades, que forja e cristaliza preconceitos e estereótipos. Tais imagens são carregadas de discursos sobre o outro e, mesmo considerando as supostas **boas intenções** de quem os emite, eles não estão livres de atos de violência, posto que falar sobre alguém é sempre um ato político que implica deixar de lado certos aspectos da vida de uma pessoa em detrimento de outros tantos que se deseja focalizar, para atingir a objetivos específicos. Trata-se de um olhar exterior que nos remete ao conceito de **identidade atribuída**, formulado por Kabengele Munanga, olhar esse que cria imagens sobre o sujeito e que, em nosso entendimento, legitima e naturaliza preconceitos com vistas a garantir relações de dominação. Numa de suas conferências, Munanga afirma, retomando o pensamento de Charles Taylor:

(...) nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela má percepção que os outros têm dela, ou seja, uma pessoa ou um grupo de pessoas pode sofrer um prejuízo ou uma deformação real se as pessoas ou sociedades que os rodeiam lhes devolverem uma imagem limitada, depreciativa ou desprezível deles mesmos. O não reconhecimento ou o reconhecimento inadequado da identidade do “outro” pode causar prejuízo ou uma deformação ao aprisionar alguém num modo de ser falso e reduzido (...). (MUNANGA, 2015)

A consideração de Munanga se aplica bem ao caso de Lima Barreto, em cuja trajetória podemos verificar os efeitos produzidos tanto pelo “não reconhecimento” quanto pelo “reconhecimento inadequado” de um certo modo de ver, ao tempo em que nos ajuda a perceber a necessidade de mantermos sempre uma atitude crítica em relação aos discursos produzidos sobre o outro e que é preciso tomá-los não como verdades absolutas, mas como construções que podem inclusive levar a um falseamento da realidade e, mesmo, propositadamente, ao silenciamento de pessoas ou grupos. Nesse sentido, observamos que Lima Barreto sofreu as consequências advindas dessa “má percepção”, desse olhar deformado e deformador. As imagens produzidas pela crítica literária estão permeadas por adjetivos negativos, o que mostra olhares externos empenhados em provar a irrelevância de sua obra e o suposto caráter indisciplinado do escritor. Desse modo, é importante buscarmos captar, nas entrelinhas narrativas do *Diário Íntimo*, imagens que operam deslocamentos no pensamento oficial estabelecido e apontam para as concepções do autor sobre si mesmo.



## UM PRÍNCIPE NEGRO NAS PÁGINAS DO *DIÁRIO*

Nas primeiras páginas do *Diário íntimo* encontramos um esboço de romance que, segundo justifica o organizador, foi reunido ao conjunto das notas por assumir uma importância não só no que tange ao aspecto biográfico, mas também do ponto de vista literário (cf. BARRETO, 1956, p. 32). Este não é o único projeto de romance encontrado no *Diário*, fato que nos leva a considerar a paixão declarada do escritor pela literatura, bem como o lugar de destaque que esta ocupava em sua vida. Mesmo as situações mais informais são atravessadas pela preocupação com o fazer literário.

O esboço, datado de 2 de julho de 1900, corresponde a uma narrativa que não ultrapassa quatro páginas e em cujo parágrafo de abertura é feita uma descrição do Largo do São Francisco, nas primeiras horas dos dias de verão, quando o sol e o calor tornam insuportável a permanência no lugar. O olhar do narrador passeia pelo ambiente, entre observador e irônico, dando conta, por meio de imagens e metáforas, de comportamentos e sentimentos dos transeuntes, bem como tecendo comentários sobre instituições localizadas na praça, como a igreja de São Francisco e a Escola Politécnica, as quais também não resistem à violência do sol.

Na narrativa figuram como personagens centrais alunos da Escola Politécnica. As vozes se fazem ouvir pela técnica do discurso direto e são mediadas pela fina ironia do narrador, o qual desmascara sutilmente os desejos de glória por meio de uma ascensão **fácil**, o humor agressivo, a mediocridade, os preconceitos, o vazio dos discursos. A respeito das conversas travadas entre os moços da Politécnica, as quais assumem, por vezes, um tom apaixonado e abordam desde temas ligados à ópera italiana até assuntos referentes à metafísica matemática, o narrador argumenta:

(...) quando se contempla aquela porção de rapazes, cujas inteligências moças ainda, no indivíduo e na raça, agitam-se tumultuariamente ao influxo da filosofia europeia, surge-nos aquela quadra espiritual da Europa pelo XII século, quando chegou às suas universidades a Enciclopédia de Aristóteles traduzida. (...). É com a mesma sofreguidão, é com a mesma teima sombria, é com o mesmo tropel bárbaro que aqueles moços invadem, tomam de assalto, e varam as muralhas das difíceis abstrações e das fugitivas filigranas da metafísica europeia. Talvez, como no XII século, daquele trabalho encarniçado, nenhuma ideia nova se venha juntar ao patrimônio humano. (BARRETO, 1956, p. 30)





Ao observar os alunos da Escola Politécnica, o narrador compara o seu tempo à Idade Média, mostrando a inutilidade dos esforços mentais empregados pelos rapazes, algo que evidencia uma concepção de que o conhecimento deve servir à vida concreta das pessoas, incorporando-se como patrimônio da humanidade e contribuindo para a melhoria do mundo.

Sem entrar no debate sobre as razões que levaram Francisco de Assis Barbosa a colocar este esboço de romance no princípio do *Diário Íntimo*, além da razão mais evidente relacionada à data, o que queremos refletir aqui é, precisamente, sobre o **como** Lima Barreto se situa num texto como este e que imagens o autor nos oferece de si mesmo, numa narrativa aparentemente deslocada do conjunto das notas.

Com efeito, uma das primeiras imagens que sobressaem do escritor nesse texto é a de alguém que tem plena consciência da realidade em que se situa. No contexto vigente, prepondera, por um lado, a acolhida entusiástica do pensamento científico europeu e, por outro lado, como esse mesmo pensamento é utilizado para justificar a dominação.

Lima Barreto foi aluno da Escola Politécnica num dado momento de sua vida. Isso nos leva a pensar que o olhar crítico do narrador embasa-se nas vivências do próprio escritor, o qual não deixou de perceber e sentir os efeitos da discriminação e do preconceito dominantes em sua época, os quais apareciam aos olhos de todos travestidos de modernidade e progresso. As conversas travadas entre os alunos da Escola Politécnica, no corpo da narrativa, dão-nos uma noção do clima hostil, preponderante nos ambientes por onde Lima Barreto transitou, em que vigorava uma forma de ver e interpretar o mundo a partir do biológico e do meio físico, algo que justificava as desigualdades existentes no âmbito da sociedade.

É difícil não associar uma das passagens, já no final da narrativa, às experiências vividas pelo próprio Lima Barreto quando, numa das conversas, é lançado o epigrama de **príncipe negro** a um dos personagens que se aproximam:

Houve um sorriso fino no grupo. O Fernando, muito contente, tirou uma longa fumaça do cigarro, andou até ao gradil e olhou a praça em frente e exclamou:

– Lá vem o Brandão, o Spinosa...

– O príncipe negro, fez um.

O riso, provocado pela última pilhéria do Fernando, não se interrompera de todo e recrudescera àquele epigrama do Sodré. [Osvaldo] Litichart, que até ali estivera calado, resolveu-se a falar.



- Por que vocês não gostam do Tito?
- Não, eu gosto muito dele. É inteligente, honesto, respondeu o Fernando.
- Com franqueza, acho-o muito orgulhoso, respondeu o Sodré, que lançara o epigrama.
- Que tem isso, Sodré? O seu orgulho é a força motriz de sua máquina viva... É a sua arma de defesa contra o mundo que lhe é hostil... É o escudo que o defende... É o impulso que o fará ir para frente e para cima... (BARRETO, 1956, p. 32)

A narrativa termina com essa discussão, iniciada com a chegada de Tito Brandão à roda da conversa. Já nessas primeiras páginas do *Diário Íntimo* é posta a questão racial, assunto que atravessará todo o livro e que, sem dúvida, parte das preocupações e das vivências do próprio Lima Barreto.

O debate sobre a questão racial é colocado em pauta no epigrama atribuído a Brandão. A expressão **príncipe negro** nos ajuda a pensar tanto na identificação do autor com uma identidade negra, algo, aliás, que assume perante a sociedade, sem nunca se deixar cooptar na sua militância intelectual, como também nos problemas que subjazem à própria expressão.

Frantz Fanon (2008) afirma que o colonialismo inventa o homem negro, retirando-lhe a possibilidade de ser visto como expressão universal do gênero humano. O pesquisador tem consciência de que, nesse processo, a língua tem uma força determinante. Com efeito, a linguagem e os discursos, por não estarem **fora** do poder, atuam no sentido de naturalizar relações de força dentro da sociedade e de garantir a manutenção do controle social. É nessa perspectiva que devemos entender o epigrama atribuído a Tito Brandão. A expressão, aparentemente elogiosa, esconde uma sutileza, como diria Fanon, um rastro, a marca de um problema histórico que persiste ao longo da trajetória brasileira e cuja existência se manifesta na linguagem, nas situações as mais corriqueiras. O epigrama é lançado em meio a um tom de galhofa e sátira, como a apontar para a incompatibilidade entre os dois termos: **príncipe** e **negro**, realçando uma contradição que, na verdade, jamais encontraria justificativa plausível. Em suma, a inteligência e honestidade de Tito Brandão parecem não se coadunar com o ser negro, segundo o olhar deformado dos estudantes, já que o conhecimento amplamente difundido pela ciência advogava em favor de uma supremacia racial branca.

Lima Barreto coloca logo após a data a que corresponde esse projeto de romance um pensamento que certamente é seu, por não vir marcado por aspas ou referência a autor algum: “Quando comecei a escrever este, uma ‘esperança’ pousou” (BARRETO, 1956, p. 27, ênfase no original). O sentimento do



jovem escritor, à época com dezenove anos de idade, parece não encontrar eco nas páginas narradas, visto que o quadro que se desenha não é nada esperançoso, pois que descreve a mediocridade e o preconceito que norteiam a vida dos estudantes da Politécnica, para os quais a busca do conhecimento não servia à construção de um projeto mais elevado, que garantisse uma vida melhor para todos.

As últimas palavras da narrativa são proferidas por Tito Brandão, o qual encara a vida como uma **escalada de Titã**. Aqui, a imagem mitológica associa-se tanto às lutas e embates travados no âmbito da sociedade, na busca pelo poder e domínio de uns sobre outros, quanto se associa também ao espírito de força daqueles que se veem forçados a resistirem para não sucumbirem, nos violentos embates travados dentro da sociedade. Mesmo sendo um esboço, a narrativa possui uma **unidade** de sentido que se percebe no jogo da escritura e que não se esgota numa leitura, mas continua a **sangrar**, permanecendo aberta a outros olhares e interpretações.

## “EU SOU AFONSO...”

As páginas que sucedem o projeto de romance encontrado no início do *Diário Íntimo* abrem com uma identificação do autor, por meio da qual Lima Barreto marca não só o lugar social de onde enuncia o seu discurso e o ponto de vista que assume na sua atividade de escritor e intelectual, mas também se posiciona como negro, algo que se expressa simbolicamente na marcação do dia e mês do seu nascimento.

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade.

Nasci em segunda-feira, 13-5-81. (BARRETO, 1956, p. 33)

O ano a que correspondem essas notas é 1903. Ao expressar um desejo de escrita sobre a história da escravidão, o romancista aponta para uma preocupação sempre recorrente em sua obra: a questão do negro e o legado nefasto do regime escravocrata. Associado a isso há, certamente, um anseio por reparação das injustiças que, ao longo da história, foram cometidas contra os negros, bem como também uma tentativa de quebrar o silêncio dos grupos marginalizados, trazendo para o plano da narrativa a voz e a perspectiva do próprio



negro, uma vez que a história é repleta de vozes que falam em nome desses grupos. Com efeito, nesse processo de falar em lugar do outro estão implicados jogos de representação que não conseguem dar conta das diferentes perspectivas sociais.

Veio-me à ideia, ou antes, registro aqui uma ideia que me está perseguindo. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão. (BARRETO, 1956, p. 84)

Para Lima Barreto, a escrita seria um meio de ele mesmo formular a sua mensagem, trazendo para a cena personagens esquecidos e marginalizados e contestando verdades oficializadas pela história. Seria também uma maneira de afirmar os valores dos povos negros e de rejeitar a assimilação de valores que sufocavam a sua personalidade. Nesse sentido, escrever sobre a história da escravidão negra não se vincula a qualquer projeto de análise/escrita de uma história monumental, visando à descoberta de uma verdade, senão que se trata de uma estratégia de leitura que busca abalar os sentidos construídos e cristalizados, revirar construções históricas perpetuadoras de crenças e preconceitos a respeito do negro que repercutem diretamente em sua vida cotidiana.

Vai se estendendo, pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça.

Diz-se ainda mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que cousa feia mais.

Tudo isto se diz em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães.

(...)

Urge ver o perigo dessas ideias, para nossa felicidade individual e para nossa dignidade superior de homens. (BARRETO, 1956, p. 110-111)



A acuidade crítica do narrador viabiliza o questionamento às estruturas de pensamento, ao poder hegemônico e aos regimes de verdade. Lima Barreto percebe os impactos negativos do pensamento científico, então em voga no seu tempo, que estabelecia hierarquias raciais e mantinha segregadas as populações negras.

Nesse sentido, o projeto de escrita de uma história da escravidão negra configura-se como um questionamento a uma determinada perspectiva histórica e aproxima Lima Barreto da figura do genealogista, o qual, segundo Foucault, aprende que “atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente’: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas” (FOUCAULT, 2005, p. 18, ênfase no original). O romancista desconfia das verdades oficializadas pela ciência e sua obra acaba por descobrir o quanto elas estavam ancoradas numa vontade de sujeição e de domínio.

Lima Barreto parece ter uma firme consciência dos modos de atuação daquilo que Frantz Fanon posteriormente chamou de “colonialismo epistemológico” (FANON, 2008, p. 15), algo que leva o colonizado a assimilar a ideia de que é inferior e, conseqüentemente, a afirmar a superioridade do branco e de sua cultura. Essa seria, com efeito, segundo Fanon, uma das armas mais poderosas utilizadas pelos colonizadores. Por isso, o romancista vê na literatura um potencial de denúncia e de esclarecimento, capaz de desconstruir os estereótipos e imagens negativas que aprisionam e amputam o negro e seu ser.

Ao mencionar a data de seu nascimento, Lima Barreto marca o seu posicionamento, afirmando a sua própria existência numa sociedade que avalia a pessoa/escritor segundo o grau de assimilação da cultura europeia e a sua inserção no mundo dos brancos. O escritor, por meio da linguagem fragmentada própria do texto diarístico, reverte valores e formula um discurso que abala as estruturas de dominação vigentes na sociedade, cujos efeitos atuam mais agressivamente sobre a população negra.

## UM RECORTE DE JORNAL

O ano de 1905 é o mais extenso do *Diário íntimo*, no que se refere à quantidade de notas aí reunidas. Vale lembrar uma vez mais as interferências de Francisco de Assis Barbosa nessa organização das notas, posto que os registros produzidos por Lima Barreto achavam-se inicialmente distribuídos por vários cadernos, cadernetas e folhas, os quais se encontram atualmente arquivados na Biblioteca Nacional.



O *Diário Íntimo* é atravessado por uma multiplicidade de vozes que se faz verificar pela série de recortes de jornais, pensamentos, fábulas e ditos populares, todos misturados às reflexões e expansões íntimas do escritor. Consideramos que os recortes e textos de outros autores colecionados por Lima Barreto e posteriormente integrados ao *Diário Íntimo* desempenham uma função na compreensão do escritor, mesmo não sendo textos de autoria do romancista. De certa forma, eles nos apontam para os modos de interpretação do mundo de Lima Barreto e nos ajudam a entender as relações que estabelece consigo próprio.

Um dos critérios utilizados por Francisco de Assis Barbosa na reunião das notas é, sem dúvida, o critério cronológico, conforme já afirmamos anteriormente. Mas vale indagarmos sobre quais critérios teriam norteados o biógrafo a situar, por exemplo, os registros *sem data* em determinado ano, já que Lima Barreto não estabeleceu qualquer convenção para tal.

A esse propósito, é interessante observarmos um recorte de jornal inserido em meio aos registros datados de 2 de janeiro de 1905, no sentido de captarmos nessa citação algumas imagens do autor do *Diário Íntimo*. Barbosa coloca o texto jornalístico logo após uma nota em que Lima Barreto se refere aos problemas vividos pelos negros e às marcas do sistema escravocrata presentes na sociedade brasileira, preocupação sempre constante na vida do escritor: “É um estudo que me tenta o do serviço doméstico entre nós. Em geral, as pessoas se queixam dos criados e eu sempre objetei que os criados têm razão contra os patrões e os patrões contra os criados” (BARRETO, 1956, p. 75).

Seguindo essa anotação pessoal, é inserido o recorte de jornal, em fonte menor, que ao leitor desavisado poderia parecer mais um esboço de conto ou romance projetado por Lima Barreto, uma vez que não há qualquer nota explicativa do editor para introduzir o texto. Sabemos, por meio da pesquisa dos originais, que corresponde a uma notícia de jornal colecionada por Lima Barreto, algo que nos direciona para as questões que preocupavam o escritor, para os espaços para onde o seu olhar se deslocava, bem como para as suas fontes de leituras. Trata-se de um fragmento de texto que remonta ao projeto desejado por Lima Barreto de escrever uma história da escravidão negra no Brasil. A motivação para tal projeto vincula-se a uma necessidade de conservação da história dos negros, posto que, segundo Cuti (2011), muitas das histórias nas fazendas e nos quilombos do Brasil se perderam. Há também uma motivação que se relaciona também a uma tentativa de esclarecer o significado do processo escravagista.

A notícia abre nos seguintes termos: “Três anos de martírios. Surras diárias” (BARRETO, 1956, p. 75). Trata-se, certamente, de situações corriqueiras, ocorridas contra negros no Brasil do início do século XX. O leitor entra em contato com o **atroz destino** de Claudomira, moça de apenas vinte anos de idade que chega ao Rio de Janeiro para servir a uma família abastada. Perduram, em plena época republicana, relações de trabalho pautadas no regime



escravocrata, algo que facilmente pode ser verificado nas expressões utilizadas, que explicitam a monstruosidade da violência praticada:

Não lhe valeu o esforço sobre-humano que empregava para libertar-se da pesada tarefa que lhe era dada nos vários serviços da casa, onde, sem causa que tal justifique, lhe aplicam o mais terrível castigo: o açoite!

(...)

E essa infeliz não grita: lamentos abafados, soluços de dor, essa macabra confusão com a voz do algoz encham de pavor a vizinhança. (BARRETO, 1956, p. 75)

O relato não só oferece imagens de um país mergulhado num atraso gigantesco e inscrito numa linha de permanência e continuidade histórica, cujas injustiças sociais se mantêm, não obstante a mudança de regime, mas nos ajuda também a captar imagens de Lima Barreto por trás da **inocente** tarefa de colecionador. O recorte jornalístico citado remete a atividades operadas anteriormente, quais sejam a escolha e a seleção. Desse modo, percebemos que as questões que envolvem o negro e sua história são algo que Barreto considera importante e que deve ser conservado na memória. O romancista parece temer um perigo de esquecimento que ainda vigora na atualidade e para o qual aponta também o teórico contemporâneo Paul Gilroy: "(...) existe o perigo de que, afóra a arqueologia das sobrevivências tradicionais, a escravidão torne-se um feixe de associações negativas, que é melhor deixar para trás" (GILROY, 2008, p. 355). O propósito não é tanto lamentar a monstruosidade da escravidão e fincar raízes no passado, mas compreender melhor o presente e evitar que outros sentidos sejam atribuídos à história dos negros.

A imagem do colecionador pode também ser associada a Lima Barreto, no sentido de deslocar um estereótipo construído em torno da figura do escritor que o caracteriza como desleixado. A atribuição de tal defeito levou muitos críticos a considerarem que a obra de Lima Barreto era desprovida de método e de um projeto estético. Contudo, as tarefas de escolher e selecionar recortes pressupõem um trabalho de pesquisa e de organização, uma capacidade de relacionar fatos e de dar sentido ao que está posto, assim como uma autonomia de pensamento e uma coragem de quebrar visões hegemônicas e de contestar verdades oficializadas.

O fragmento de jornal recortado por Lima Barreto provoca no leitor, ao mesmo tempo, comoção e indignação, pelos sofrimentos de Claudomira, decorrentes das atrocidades contra ela cometidas. O romancista, sensível às dores dos seus iguais de condição, empenha-se em trazer para a sua literatura a vida e a



história dos negros. A exemplo disso, podemos citar o conto *O filho da Gabriela*, no qual Lima Barreto retoma a questão do trabalho no período pós-abolição.

Durante um mês, Gabriela andou de bairro em bairro, à procura de aluguel. Pedia lessem-lhe anúncios, corria, seguindo as indicações, a casas de gente de toda a espécie. Sabe cozinhar? perguntavam. — Sim, senhora, o trivial. — Bem, e lavar? Serve de ama? — Sim, senhora; mas se fizer uma coisa, não quero fazer outra. — Então, não me serve, concluía a dona da casa. É um luxo... Depois queixam-se que não têm aonde se empreguem...

Procurava outras casas; mas nesta já estavam servidas, naquela o salário era pequeno e naquela outra queriam que dormisse em casa e não trouxesse o filho. (BARRETO, 2002, p. 26)

A narrativa dialoga com o texto jornalístico citado, no que se refere à temática abordada. Ambos os textos denunciam a permanência do regime escravocrata na sociedade republicana e as condições a que foram relegados os negros após a abolição. Num momento em que a elite intelectual buscava forjar para o Brasil um rosto de país civilizado, mais atraente aos olhos do mundo, a escravidão e o negro não eram, com efeito, temas a serem enfocados. Pelo contrário, deviam ser esquecidos e apagados da memória nacional, já que maculavam a imagem de país que se queria inventar. Tanto no recorte de jornal quanto no conto vemos um intelectual empenhado em mostrar aquilo que a elite do seu tempo pretendeu ocultar, abrindo a possibilidade da reflexão sobre os horrores da escravidão e as formas de atuação desta no presente. O olhar atento do escritor para as cenas do cotidiano põe a descoberto as contradições nas quais o Brasil estava mergulhado e as tensões sociais geradas no âmago das relações de dominação.

No conto, a história de Horário, filho de Gabriela, guarda traços que se cruzam com a vida do próprio Lima Barreto: o escritor, como o personagem, é negro, perde a mãe ainda criança e tem percepções do mundo muito próximas daquelas do personagem do conto: "(...) o mundo parecia-lhe uma coisa dura, cheia de arestas cortantes, governado por uma porção de regrinhas de três linhas, cujo segredo e aplicação estavam entregues a uma casta de senhores, tratáveis uns, secos outros, mas todos velhos e indiferentes" (BARRETO, 2002, p. 35). A constatação da presença de traços autobiográficos no conto de Lima Barreto não nos leva a reforçar o estereótipo de escritor malsucedido e revoltado, mas, pelo contrário, ajuda-nos a captar nas suas escolhas e recortes, nos fatos e personagens que seleciona e que traz para o espaço da narrativa, a imagem de um intelectual





não somente solidário e sensível aos dramas vividos pelos negros à sua época, mas de um escritor que assume o seu pertencimento racial, marcando a sua cor num momento em que o discurso da miscigenação busca criar uma face branca para o Brasil. Desse modo, Lima Barreto inscreve-se na mesma trajetória dos seus personagens e reserva para o negro um lugar no espaço literário brasileiro.

## CONCLUSÃO

O *Diário íntimo* é composto por diversos registros, nos quais verificamos uma pluralidade de vozes que, se de um lado, põe em convivência e em conflito formas canônicas tradicionais, por outro lado, dá lugar à construção de um discurso contra-hegemônico que desloca sentidos cristalizados e viabiliza a criação de outras imagens sobre o autor, funcionando como dispositivo de revisão do passado e da história do outro, bem como de esclarecimento, frente ao pensamento hegemônico.

Lima Barreto, reagindo contra as tentativas sociais de invisibilização do negro, opera vários deslocamentos, inclusive quebrando estereótipos criados em torno da sua imagem. Não poucas vezes retoma, no *Diário íntimo*, o seu projeto de escrita sobre o negro e sua história, apresentando-se como uma **voz que fala de dentro**, por sofrer, ele também, os efeitos do processo social empreendido contra a população negra.

Temo muito pôr em papel impresso a minha literatura. Essas ideias que me perseguem de pintar e fazer a vida escrava com os processos modernos do romance, e o grande amor que me inspira – pudera! – a gente negra, virá, eu prevejo, trazer-me amargos dissabores, descomposturas, que não sei se poderei me pôr acima delas. (BARRETO, 1956, p. 84)

Confissões como essa que acabamos de citar se misturam, no *Diário íntimo*, aos mais variados recortes de textos e pensamentos, e apontam um projeto estético peculiar, que não se pauta nos preceitos literários em voga no seu tempo, mas, ao contrário, forja as suas próprias regras, confiando no potencial da literatura de auxiliar na compreensão dos jogos de poder existentes no âmbito da sociedade, os quais determinam e naturalizam preconceitos e justificam relações de dominação.

O projeto de escrita de uma história vinculada à escravidão negra expõe o romancista a sentimentos contraditórios, tais como o desejo pela



realização dessa empreitada e o medo das consequências que dela podem advir, algo que remete às ambivalências do próprio país.

As personagens que Lima Barreto traz para os seus textos são vozes interditas pelo discurso hegemônico que, ao entrarem para a cena da escritura, alcançam visibilidade e permanência, graças às estratégias de resistência utilizadas pelo escritor com vistas a tirar do silêncio e do anonimato aqueles que foram relegados pelos centros de poder. Os recortes de textos, os projetos de escritas e as inúmeras anotações pessoais que integram o *Diário Íntimo* fazem parte da gama variada de recursos utilizados pelo escritor para deslocar imagens e engendrar novos sentidos para o narrado.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, F. *A vida de Lima Barreto*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

BARRETO, L. *Diário Íntimo – Memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Melhores contos*. 7. ed. São Paulo: Global, 2002.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CUTI. *Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26, Brasília, jul.-dez. 2005, p. 13-71.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. 21. ed. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005, p. 15-37.

GILROY, P. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: 34, 2008.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MATHIAS, M. D.. Autobiografias e diários. *Colóquio/Letras*. Ensaio, n. 143/144, Lisboa, jan. 1997, p. 41-62.

MUNANGA, K. *Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania*. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra->



Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>. Acesso em: 7 set. 2015.

SAID, E. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

